

ISSN 2525-6904



MULHERES COM PARTIDO



Eu venho lá do sertão e posso não lhe agradar

A Rebelião de Vera Lúcia

Íris Nery do CARMO, *Universidade Estadual de Campinas*

Izabela Gouveia NASCIMENTO, *Universidade Federal de Sergipe*



(((AUDIODESCRIÇÃO)))

#PraCegoVer: Vera Lúcia gesticula durante entrevista com Íris Nery do Carmo. Ambas estão sentadas ao redor de uma mesa na sala de reunião da sede do PSTU em São Paulo. Crédito da foto: Ana Laura Leardini.

#mulherescompartido



Entrevistei Vera Lúcia Pereira da Silva Salgado na sede do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU) em São Paulo, em uma manhã quente de dezembro de 2018. Do local, localizado no centro da cidade, ficou na minha memória os corredores cobertos de tinta vermelha, em meio a reproduções de obras como *Operários* de Tarsila do Amaral. Atravessando um dos cômodos dentro da pequena edificação onde nos encontrávamos, Vera Lúcia me mostrou, orgulhosa, uma das paredes com uma grande pintura retratando Leon Trotsky e a logomarca da Quarta Internacional.

Nossa conversa durou cerca de uma hora, durante a qual me contou sobre a sua trajetória política, sua vida em Aracaju (SE) como operária, e os percalços enfrentados na última eleição, quando foi candidata à presidência pelo PSTU, partido ao qual é filiada desde a sua fundação em 1994. Tendo atuado politicamente desde os 21 anos de idade, ela foi uma das poucas mulheres candidatas ao cargo máximo do sistema político brasileiro no ano de 2018. Foi também a primeira vez que o partido indicou uma mulher – *negra, pobre e nordestina*, como ela mesma sublinhou – para a candidatura. Na maior parte do tempo, Vera Lúcia manteve uma postura firme e assertiva, como quem já está habituada às perguntas que fazia. Mas se emocionou e embargou a voz ao falar sobre sexismo na vida pública, quando mencionou as tensões internas do partido no que diz respeito ao machismo dos companheiros de militância. Embora não se identifique como feminista, a fala de Vera Lúcia mostra a intensa circulação dos discursos e práticas feministas na sociedade brasileira – mesmo em meios ainda resistentes no interior da esquerda, de modo a contestar convenções que operam na base da divisão entre público e privado, e que atravessam as relações não só de gênero, mas de classe social, raça, etnia, geração, sexualidade, etc.

Comentário: Para começar, queria que contasse um pouco sobre a sua trajetória, especialmente da sua infância. Onde nasceu? Eu sei que foi no Pernambuco, certo? Como era a relação com a sua família nesse momento?

Vera Lúcia: Na verdade, eu é que agradeço a oportunidade de ser entrevistada para uma revista de um trabalho acadêmico na UFBA e ter essa oportunidade de tanto contribuir com o trabalho como poder falar, não só da minha trajetória de vida, mas, principalmente, das tarefas políticas que estão postas para as mulheres da minha classe.



Nasci no estado de Pernambuco, como já falou. Nasci, na verdade, no sertão de Pernambuco, na zona da mata já puxando para o sertão, num lugar chamado Inajá. E nasci, na verdade, num povoado. Que nem era no centro do povoado. Nasci na roça e saímos de lá quando eu era ainda menina. No sertão aonde nasci não tinha escola na época e meu pai queria que nós estudássemos. Meu pai era uma das poucas pessoas que sabia ler naquela região. Aprendi a ler em casa, fui alfabetizada pelo meu pai, e aí a gente saiu de lá tanto por conta da seca, porque a vida de quem nasce no sertão é muito difícil pra quem é pobre porque não é verdade que no sertão não tem água, no sertão tem muita água, isso pra quem tem dinheiro. Nós éramos pequenos produtores, então a gente saiu de lá do sertão e veio para Paulo Afonso.

Meus pais eram super afetuosos, mas era uma vida muito difícil. Pra você ter uma ideia, minha mãe ia pra roça e eu cuidava da casa com cinco anos de idade, então trabalho desde muito cedo. Na verdade, a vida de não trabalhar é uma vida que desconheço e acho que isso é assim com as mulheres da minha classe e, principalmente, com as mulheres negras. As mulheres negras nunca tiveram direito ao tédio, digamos assim, à ociosidade. Nós sempre trabalhamos desde muito cedo, então comecei a trabalhar muito desde menina em casa, porque sou a filha mais velha, cuidava dos meus irmãos mais novos porque minha mãe também tinha que trabalhar, meu pai também tinha que trabalhar e a vida era muito difícil. Viemos para Paulo Afonso, mas não foi muito tempo a nossa passagem por lá, e depois seguimos para Aracaju. E cheguei em Aracaju ainda menina e estou lá desde então.

Pergunta: E aí, chegando em Aracaju, como começou o seu engajamento político?

Vera Lúcia: Ah, então, eu fui na fábrica. Comecei a trabalhar fora de casa - em casa desde criança - fora de casa comecei a trabalhar com 14 anos de idade. E aí, vida de pobre é assim: a pessoa faz de tudo pra sobreviver. Até digo que não tenho uma única profissão. Tenho várias profissões, porque a gente precisa se virar na vida. E aí fui trabalhar na fábrica, estava com 19 anos de idade.

Pergunta: A fábrica da Azaleia?



Vera Lúcia: A Azaleia, a indústria de calçados. Foi lá que me profissionalizei como costureira. Sou costureira de calçados também. E foi lá que começou o meu engajamento político tanto nos sindicatos como no partido. A gente fundou o Sindicato dos Coreiros e Sapateiros do Estado de Sergipe e fizemos uma greve. O ano de 1989 foi um ano de muitas greves, de greves muito intensas aqui no Brasil e houve a greve geral do mês de março. Foi logo após essa greve geral, que nós fizemos uma greve específica na fábrica e entrei no Movimento nesse período.

Pergunta: Você tinha 19 anos nesse momento?

Vera Lúcia: Nesse momento eu tinha 19 anos. Estou agora com 51 anos, então tenho quase toda a minha vida, muito mais da metade da minha vida, voltada para as atividades políticas. Numa luta constante por melhores condições de trabalho, de salário, contra a opressão, mas, sobretudo, na luta para destruir o sistema capitalista, porque ele é nefasto para nós.

Pergunta: E nesse momento você tinha uma referência, alguém que te inspirou ou que te influenciou de uma forma positiva pra começar esse engajamento? Como foi isso?

Vera Lúcia: Na verdade, quando a gente se engaja, já haviam muitas lutas que estavam se travando antes de nós. A ditadura militar tinha acabado de cair, tinha acabado de apagar as luzes, digamos assim. E as referências eram as lutas que se travavam nas várias categorias, muito embora a imprensa de massa questionasse essas lutas, mas para nós era uma necessidade. Por exemplo, quando entro na greve, não tinha a ver exatamente com o fato de que queria entrar na greve, mas a gente *precisava* entrar na greve. Por que a gente precisava fazer greve? Porque na fábrica aonde a gente trabalhava as condições de trabalho e de salário eram terríveis. Na época a nossa jornada de trabalho era de 48 horas. Então nós fazíamos compensação de horas, ou seja, trabalhávamos 10 horas de sexta para sábado – quando entrávamos, por exemplo, às 15h da sexta e saímos às 05h do sábado –, para podermos folgar o final de semana. Só que de segunda à sexta, nós virávamos e éramos obrigados a fazer hora extra, porque hora extra patrão não pede, manda. A gente tinha uma jornada de trabalho de 14 horas e ainda não recebia



insalubridade, pois o ambiente de trabalho da fábrica era insalubre. Nós tínhamos desvio de função, por exemplo, na época já era costureira, mas a gente era obrigada, no final cada expediente, a limpar as seções onde os operários tinham parado as máquinas. Nós tínhamos escalas de lavagem de banheiro, mas não podíamos ir ao banheiro todas as vezes que quiséssemos, dentro do turno eram permitidas apenas duas vezes, entendeu?

Então para nós era uma coisa muito difícil. Os salários, por exemplo. Havia uma inflação galopante no Brasil, uma crise econômica profunda e os nossos salários eram extremamente archochados. Nosso salário não dava para praticamente nada. Então, entrar na greve e entrar na luta eram as referências das lutas dos outros, dos outros operários, dos outros trabalhadores e a nossa necessidade se impunha nesse momento, que levou a toda uma repressão dentro da fábrica. Para que você pudesse cada vez mais aumentar a produtividade da fábrica. A produção era constante, então sempre exigiam mais e mais. Enquanto isso a gente recebia menos. Havia todo tipo de assédio, tanto moral quanto sexual. Essa coisa é presente hoje, mas também era presente no passado e foi por conta disso e das referências dessas lutas que me levou, à época, a fazer parte de uma greve geral. E quando a gente fez a greve, logo em seguida, a gente já voltou com o sindicato fundado.

Pergunta: E nesse momento você tinha alguma participação em partidos políticos?

Vera Lúcia: Não. Depois que ingressei no movimento sindical, à época, o partido que existia com referência nas lutas políticas era o Partido dos Trabalhadores (PT). Não era mais o PCB, era o PT. Então a referência política que se tinha era o PT e entramos dentro do PT. Mas minha passagem pelo PT foi rápida, viu? [risos] Em 1992, já estávamos rompendo. Quando todo mundo dizia que a gente era louco porque o PT estava em fase de crescimento, nós dizíamos: “*esse partido trai a sua classe*”, e rompemos com o PT. Ficamos dois anos discutindo qual o tipo de partido que a classe trabalhadora mundial precisava e foi aí que fundamos o Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU).

Pergunta: O PSTU? Em 1992?



Vera Lúcia: Em 1992 a gente rompe com o PT. Depois passamos dois anos fazendo todo um debate de construção do PSTU. Em 1994 legalizamos o PSTU. Estou nessa organização desde 1992, ou seja, quase toda a minha vida.

Pergunta: Falando do PSTU, como vê a figura do partido político? Qual seria a função do partido político hoje?

Vera Lúcia: Nós vivemos em uma sociedade de classes. Se tem uma classe trabalhadora, o que faz a outra classe? Na sociedade em que vivemos, assentada na propriedade privada dos grandes meios de produção, a classe trabalhadora tem a tarefa de *trabalhar* e a outra *se apropria da riqueza* que é produzida. Numa sociedade como essa, a política é uma necessidade. Então, a organização da classe trabalhadora em partidos políticos é uma necessidade. A burguesia também se organiza nos partidos políticos. Hoje em dia se questiona muito a existência dos partidos no Brasil. Existem 35 partidos no nosso país, mas a maioria pertence à burguesia, não à classe trabalhadora! E partido revolucionário, que eu conheça, só tem um, que é o nosso. A importância dos partidos é garantir a atividade política. Significa dizer que você precisa participar ativamente dentro da sociedade dizendo qual a percepção de sociedade que você tem, que tipo de economia você quer, como a riqueza deve ser produzida, como ela deve ser distribuída... É a política que cuida disso, porque ela é o ordenamento dessa nossa convivência dentro da sociedade. Então, o partido político existe porque existe a sociedade. O ser humano é um ser social e dentro de uma sociedade de classes, obviamente, existem disputas políticas e o partido político é a parte onde há junto dele um grupo que embasa um programa e, como resultado, uma concepção de sociedade, ou seja, apresenta um programa econômico, político e social.

Pergunta: E esse programa vai além da política da urna, da eleição?



Vera Lúcia: Sem dúvida! Na verdade, a eleição é um momento da política. Ela não é a política em si. A política é um cotidiano. O momento da eleição é apenas um momento em que os partidos se colocam publicamente apresentando programas, muitas vezes com muita mentira, via de regra. Mas é o momento em que apresenta-se um projeto de saída para o conjunto da sociedade. Um partido como o nosso também apresenta projetos de saída para a sociedade e, obviamente, toma partido por um lado dessa sociedade. E fazemos isso muito abertamente!

Existem duas características, ou melhor, dois tipos de política: uma que é de manutenção da ordem e uma que é de subversão da ordem. Nós somos um partido que propõe a subversão da ordem, porque a ordem estabelecida é a ordem da exploração através daqueles que são donos dos grandes meios de produção. Através da exploração de trabalho – que na sociedade capitalista é feita através do trabalho assalariado para a obtenção da mais valia –, daquela apropriação do mais valor, ou seja, da concentração da riqueza por um lado, enquanto que por outro lado espalha-se a pobreza. E se utiliza de todo tipo de opressão nesse processo de exploração.

O sistema capitalista se utiliza das nossas diferenças para nos colocar como desiguais. Então se utiliza, por exemplo, do fato de sermos negros, de sermos mulheres, dos nossos desejos sexuais - como se o Estado tivesse que cuidar dessas coisas - e aproveita-se disso para intensificar todo tipo de opressão sobre a classe trabalhadora, porque o que a burguesia quer mesmo é a obtenção do lucro, cada vez maior e cada vez mais concentrado. E como resultado, essa sociedade tem um acúmulo de riqueza muito grande, para além do que toda a humanidade precisa, enquanto que mais de um terço da humanidade passa fome.

Nós não podemos ser coniventes com uma sociedade como essa, uma sociedade assentada nesses patamares. A proposta que um partido como o nosso oferece é de que a classe trabalhadora, que é a produtora da riqueza, só ela é capaz de subjugar essa classe dominante e ter para ela o controle tanto da política como da economia. E ela só pode ter o controle da economia se tiver o controle da política. E só pode estabelecer uma nova ordem econômica se destruir esse sistema no qual se assenta a atual sociedade capitalista, que é através da propriedade privada e dos grandes meios de produção.



Pergunta: E por falar nisso, uma das palavras-chave da sua campanha era “Rebelião”. O que significa se rebelar para você?

Vera Lúcia: Rebelar-se é dar um basta. É dizer: “ó, chega”! Nós chegamos a um limite tal que nós precisamos dar um basta nessa situação e estabelecer para nós um outro momento, uma nova ordem social. É inadmissível! O Brasil é uma das maiores potências econômicas do mundo. Esteve agora, por exemplo, reunido em Buenos Aires, no dia 30 de novembro, com as maiores potências do mundo. Ele é parte de um seleto grupo de 20 países, de 20 nações, que controlam 90% de toda a riqueza do planeta. Em compensação, aqui no Brasil, há mais de 27 milhões de desempregados. Então junta-se os desempregados mais recentes, mais os desempregados por desalento, mais aqueles que estão na economia informal, segundo dados do Instituto Latinoamericano de Estudos Socioeconômico (ILAESE) que lançou agora seu último anuário em 2017, esse número chega a 77,5 milhões de pessoas!

O nível de pobreza no Brasil deu um salto. Inclusive saiu na Globo isso, um salto para trás. Porque existem 10 milhões de pessoas hoje que sobrevivem com até R\$ 85,00 por mês, tem 15 milhões de pessoas que sobrevivem com até R\$ 150,00 por mês e 55 milhões que sobrevivem com até R\$ 406,00. Enquanto há 6 famílias que detêm uma riqueza absurda porque, se pegarmos os grandes empresários, os grandes latifundiários, os grandes banqueiros, inclusive aqui no Brasil, eles se reduzem a nada mais que 30 famílias! Eles controlam, basicamente, toda a riqueza do país e outra parte é mandada para fora através das multinacionais. Existe hoje um parque industrial. O parque industrial brasileiro é controlado, mais de 70%, pelo capital estrangeiro. Ou seja, ocorre um processo de desnacionalização, de desindustrialização da economia, no qual dá-se um salto para trás, porque investe-se, principalmente, no agronegócio, ou seja, para exportação de produtos primários numa das maiores economias do mundo, onde há uma classe trabalhadora abundante, um solo riquíssimo, um subsolo riquíssimo! E nada disso serve para atender as necessidades mais sentidas desse povo que é o direito de comer, que é o direito de trabalhar.

Trabalhar é uma necessidade humana. Quando a gente fala de trabalho, nós estamos falando de humanidade, porque o que diferencia os seres humanos de outros animais não é a sua capacidade de *pensar*, é



a sua capacidade de *trabalhar*, de utilizar a natureza, de transformar essa natureza para atender as suas próprias necessidades em caráter social. Olha só, esse sistema é capaz de lhe tirar o direito à humanidade. Nós não podemos ser coniventes com isso porque isso vai contra, inclusive, a própria natureza.

Hoje, por exemplo, lutar em defesa da natureza, do meio ambiente, é uma luta, sobretudo, contra o sistema capitalista, porque ele é danoso. Ele é danoso para a natureza, ele é danoso para os seres humanos, ele é danoso para a vegetação, ele é danoso para qualquer coisa. As grandes potências econômicas fazem isso em nome da sua satisfação imediata, porque o sistema capitalista tem também essa característica, a busca por uma satisfação constante e imediata e sempre em uma escala crescente, sempre maior. E para a gente atender as necessidades humanas, podemos ir um pouco mais devagar, nós já temos tecnologia para isso, ciência para isso, as pessoas não podem e não precisam mais morrer de fome.

Pergunta: Agora vou entrar especialmente nesse ano, ok? [Risos de ambas]. Queria saber como foi a experiência pessoal de vivenciar uma campanha eleitoral para presidente no ano de 2018? Considerando que o clima político desse ano foi particularmente conflituoso e considerando o contexto em que o Brasil está inserido, como você vivenciou esse processo? E quais foram os maiores desafios?

Vera Lúcia: Olha, as eleições não são um espaço da nossa classe. É o terreno da classe dominante. É o terreno da burguesia. Apresentar um projeto chamando uma rebelião e dizendo para a classe trabalhadora que ela precisa destruir o sistema capitalista e ela precisa de um novo projeto social, é um desafio. E é um desafio para uma mulher, negra, pobre, nordestina, entendeu? Apresentar um programa em um país de dimensão continental, no marco de uma crise capitalista que já dura mais de uma década, com uma crise política absurda, porque de todos os partidos quem se salva aí é a exceção, porque a regra é que todos estão mergulhados em corrupção. No momento em que a classe trabalhadora rompeu, desde 2013 para cá, que rompeu com a sua maior direção que é o PT, porque governou por quase quatro mandatos consecutivos, traiu abertamente a classe trabalhadora. Governou para o capital nacional e internacional e chafurdou no maior escândalo de



corrupção que a história conhece e, inclusive a sua principal figura pública ainda se encontra presa. A classe trabalhadora rompeu com o partido que por 30 anos educou e conduziu a classe trabalhadora. Boa parte da direção desse partido está na cadeia ou respondendo à processos, ou seja, nesse momento de ruptura a classe trabalhadora está mergulhada em crise profunda de desemprego, arretada com a sua direção.

Ao mesmo tempo tudo está em aberto. Tudo está questionado. O Estado está questionado, todas as estruturas dessa sociedade estão questionadas. O povo não acredita no parlamento, não acredita no executivo, não acredita na justiça, nem na polícia... E nesse espaço de polarização nós estávamos chamando o “*fora a todos*”, porque chamar uma rebelião é chamar o fora a todos, não é?

Chega! Vamos dar um basta nisso aqui e construir uma coisa nova! E de certa forma, a classe trabalhadora quando elege Bolsonaro, na verdade, é uma forma de chutar o pau da barraca. Só que nem sempre quando você, por exemplo, dá um chute numa bola, consegue fazer um gol. Bolsonaro não é a saída da nossa classe, mas também foi o voto de castigo que a sociedade apresentou ao PT. As pessoas que votam em Bolsonaro, a maioria (isso não significa que ele não tenha um grupo que de fato seja neofascista), não significa dizer que a classe trabalhadora que votou nele seja fascista. Nem significa que essa classe que elegeu Bolsonaro defenda tudo que ele defende, porque ele fez um discurso em cima da moral, uma coisa conservadora, mas ao mesmo tempo o que ele apresenta é o desmantelamento da economia brasileira para a satisfação do capital, principalmente, internacional. Ele diz que é o “*Brasil acima de tudo*”, mas olhe só, é o *imperialismo acima de tudo* porque o ministro da economia dele é um cara que vem dos bancos, ligado ao capital financeiro especulativo e que tem como principal tarefa privatizar tudo. E como é que você faz a defesa do “*Brasil acima de tudo*” se você pega toda a riqueza desse país e entrega às multinacionais? Se você submete esse país a uma condição de dominação muito maior do que ele já é dominado? O Brasil está na iminência de voltar à condição de colônia. Falta pouco. Se a luta de classes não barrar isso aqui, pelo governo e por esse congresso de corruptos, conseqüentemente o Brasil será entregue. Então foi nesse marco que nós disputamos as eleições, e apresentamos um projeto de saída para a nossa classe e fomos ouvidos. Isso pode não ter sido traduzido em votos, não significa dizer que a classe trabalhadora não conheceu o programa que a gente apresenta. Isso não significa dizer



que ela também não esteja disposta a lutar. Ela está disposta a lutar. Por outro lado, está na hora de construir uma nova direção. Nós estamos dizendo à classe trabalhadora: *“precisa construir uma nova direção”*. A classe trabalhadora é lutadora. Não se pode dizer que a classe trabalhadora brasileira é covarde, porque tudo o que existe nesse país é resultado da nossa luta, uma luta incansável, constante...

Agora, assim como tem luta de sobra, tem traição de sobra. As direções da classe trabalhadora brasileira são, via de regra, traidoras. E traíram abertamente a classe no ano de 2017, e deixaram para ela como única saída, aquela entre o PT e Bolsonaro. O PT trabalhou para isso, inclusive. E esse foi mais um crime que o PT cometeu contra a classe trabalhadora brasileira e a gente disse o seguinte: *nós precisamos continuar dizendo para a nossa classe que mais do que nunca ela precisa rebelar-se*. Todo projeto de todos os governos que estavam concorrendo iam aplicar um programa para a classe trabalhadora não se levantar. Porque o projeto econômico de Bolsonaro não é diferente do projeto econômico de Haddad, nem era diferente do projeto econômico de Alckmin, que também não era diferente do projeto econômico nem de Marina e nem de Ciro Gomes e nem também, em certos aspectos, do PSOL.

Nenhum desses partidos diziam que para resolver os problemas da nossa classe precisávamos romper com o pagamento da dívida pública. Por quê? Porque isso é uma sangria da economia brasileira. Você pega 50% de tudo o que se arrecada nesse país, anualmente entrega para os cofres de 6 bancos e depois fica querendo administrar o resto. Depois de toda a corrupção, as migalhas que devem ir para a classe trabalhadora é dividida com setores da propriedade privada. Não diga que vai resolver os problemas da saúde, da educação e da moradia da forma como está colocada a gestão dos recursos. E Bolsonaro já disse que vai fazer uma reforma trabalhista com uma carteira verde e amarela, com as condições de trabalho mais precarizadas, com um nível de violência muito maior. E foi nesses marcos que nós apresentamos o nosso programa, dizendo à classe trabalhadora: *“ó, tem saída pra nossa classe. Tem saída”!*

Agora, diferente do que disse Bolsonaro - *“eu resolvo”*, nós dissemos para a nossa classe: *“a nossa classe resolve”*. Nós não precisamos e nem é possível resolver os problemas da nossa classe através de um salvador da pátria. Só a nossa classe em movimento, em luta, organizada, no seu local de trabalho, de estudo, de moradia, a



juventude, as mulheres, os negros, todos nós empregados, desempregados, os que não tem terra, os que não tem casa para morar, de forma organizada, só assim nós podemos reverter as condições que nós estamos submetidos nesse momento.

A primeira coisa é não pagar a dívida pública. Nós precisamos fazer a reforma agrária sem indenização para o latifúndio, porque nós já fomos roubados nesse país a vida inteira, tanto os índios como os negros... Temos uma dívida com os negros e com os índios que nós precisamos resgatar, e nós precisamos fazer isso de forma organizada, porque a burguesia não vai dar nada para nós. Nem a grande burguesia, nem os bancos e nem os grandes empresários, nós vamos ter que, necessariamente, nos enfrentar com essa classe, porque a riqueza dela advém da nossa desgraça. Se a gente quiser uma vida decente, nós vamos ter que buscar a riqueza que está lá na mão deles, e nós só podemos fazer isso de forma organizada. E foi isso o que nós dissemos, foi a tarefa que nós cumprimos nessas eleições e para além das eleições. Quando nós lançamos o manifesto¹, nós dizíamos o seguinte: “*esse manifesto não é um programa eleitoral. É um manifesto para a nossa classe que responde às nossas necessidades tanto do ponto de vista imediato como histórico. Mas só pode ser aplicado numa luta organizada que vai além das eleições*”. Porque se fosse assim era fácil, era bem mais fácil, a gente chegava no dia da eleição, votava e voltava para casa. E não é assim. Precisamos organizar a nossa classe porque precisamos resolver um problema que é nosso. O problema do desemprego é nosso, o problema da falta de educação pública de qualidade é nosso, o problema de saúde é nosso, o problema da falta de moradia é nosso, o problema da falta de terra é nosso, a fome é nossa. Então é problema nosso e somos nós que temos que resolver e só nós podemos resolver. É esse o chamado que fizemos, foi esse o grande desafio nessas eleições e esse é o grande desafio que está posto para a nossa classe, para além das eleições, porque o PSTU não é um partido que se organiza para as eleições. Nós somos um partido que nos organizamos e chamamos nossa classe para se organizar, porque nós precisamos fazer uma revolução nesse país, aqui

¹ PARTIDO SOCIALISTA DOS TRABALHADORES UNIFICADO (Brasil). *Um Chamado à Rebelião*: um projeto socialista contra a crise capitalista. 2018. Disponível em: <https://www.pstu.org.br/wp-content/uploads/2018/02/PSTU-Nacional_2018-02-21_ManifestoRebelia%CC%83oSocialista_A4_Ver4_FINAL.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2019.



no continente latino-americano e no mundo. Nós precisamos destruir esse sistema, é danoso!

Pergunta: Você já falou que o fato de ser mulher e ser mulher negra é algo que traz uma série de desvantagens na sociedade que a gente vive, aí a pergunta é: acha que há machismo na política? Quais são as estratégias utilizadas por você para lidar com situações de machismo na política, no cotidiano da vida pública e da vida privada?

Vera Lúcia: O machismo está impregnado em toda a sociedade e não podia ser diferente nos partidos políticos, nem mesmo no nosso partido, que é um partido revolucionário. Por isso é que nós nos organizamos contra o machismo tanto no interior do nosso partido como fora dele, para lutar tendo as nossas companheiras na vanguarda, para lutar contra o machismo dos nossos camaradas e dizer pra eles que lutem contra o seu machismo, porque ele é danoso para a nossa classe. E isso vai contra, inclusive, um programa de um partido revolucionário. Então eles precisam estar em vigilância constante com as suas práticas. E levamos isso para fora.

O machismo está em tudo quanto é lugar. Você precisava ver, muitas vezes, a cara das pessoas quando me olhavam e eu dizia que era candidata a presidente da república - e aí tem a ver não só com o fato de ser mulher, tem a ver com o fato de ser mulher, de ser negra e de ser pobre. Porque uma coisa é ser uma mulher burguesa, outra coisa é ser uma negra burguesa e outra coisa é ser uma mulher negra, pobre, nordestina e de um partido revolucionário, ou seja, ser toda contra a ordem! Então é um desafio constante tanto na política quanto no cotidiano, porque nós estamos submetidas a esse tipo de opressão e de discriminação o tempo inteiro, é uma constante nas nossas vidas.

A gente sente isso na rua. Sente isso quando vai ao shopping, sente isso quando passa em determinados setores de classe média, como as pessoas te olham... E muitas vezes as pessoas ficavam com um quê de surpresa quando começavam a discutir política, porque era nesse momento que começavam a perceber o que você precisa para ser ouvida. Nós temos que aprender muito mais, temos que ousar muito mais, temos que lutar muito mais para que as pessoas nos olhem e saibam que nós podemos discutir política em pé de igualdade com qualquer pessoa. Aliás, pode ser muito melhor porque, na boa, Bolsonaro é uma desgraça!



Convenhamos! Pelo amor de Deus, esse homem falando... Mas é isso. A gente passa por todo tipo de constrangimento. Mas é assim a vida da nossa classe.

Pergunta: Você identifica uma série de situações que considera machistas...

Vera Lúcia: E racista...

Pergunta: E várias outras discriminações... Queria saber se você se identifica como feminista? E se não, qual a sua posição?

Vera Lúcia: Não sou feminista, sou revolucionária. Porque o feminismo, na verdade, do ponto de vista teórico, é uma grande polêmica. Dizer-se feminista é dizer que a base que divide a classe se dá através da luta entre mulheres e homens. Nós dizemos que a luta que divide a classe tem como base a propriedade privada, logo, a opressão à mulher é produto, inclusive, dessa propriedade. Por exemplo, com o surgimento da propriedade é que surge a opressão à mulher, porque é a primeira forma de controle. Inclusive é o controle da natalidade, pois precisa garantir que são de fato os filhos legítimos que herdam a propriedade e para que haja esse controle, o capitalismo controla o corpo da mulher. Essa é a primeira forma de opressão. Então, nesse aspecto, não me considero feminista. Agora, nós somos radicalmente contra todo tipo de machismo e lutamos contra isso bravamente, mas a luta contra o machismo não é a luta que resolve o problema que divide a sociedade entre pobres e ricos. E mesmo a luta contra o machismo deve ser combinada com a luta contra a exploração, uma vez que tanto o machismo como a exploração se articulam. A luta contra o machismo em si não resolve o problema da classe trabalhadora. Deixa eu me explicar: se a gente conseguisse resolver o problema do machismo nos marcos do sistema capitalista, mesmo assim ainda restaria toda a exploração. E o sistema capitalista se utiliza da opressão para intensificar a exploração, muito embora a opressão não seja de origem do sistema capitalista. A exploração tem origem na propriedade privada. A exploração foi sendo aprimorada ao longo do tempo, quando a sociedade foi sendo dividida em classes. A partir daí tanto com o escravismo, quanto com o sistema



feudal e o capitalismo, a divisão dos pobres beneficiou enormemente as classes dominantes.

O que a gente diz é que “*lutamos contra o machismo, mas de forma combinada com a luta contra a exploração*”. Logo, não é uma luta feminista em si, ela é uma luta contra o machismo, mas é, sobretudo, uma luta contra a exploração. Nós não acreditamos que a luta contra o machismo tem que se dar depois da luta contra o capitalismo, são lutas combinadas. Agora, nós também sabemos que ela não se resolve nos marcos do capitalismo, porque precisa das bases materiais para garantir essa liberdade que é completa. Por quê? Porque só quando há condições materiais de fato é que consegue-se resolver o problema tanto da exploração quanto da opressão. Porque se fosse assim bastava que baixasse-se uma ordem jurídica, digamos assim, e isso, por si só, estava dado, e não é. Ela vai além das condições materiais, ela também passa pelos marcos culturais. Mas são lutas que se combinam, então, nesse aspecto, não me considero uma feminista, me considero uma revolucionária, socialista, que luta contra o machismo, contra a homofobia, contra o racismo, contra a xenofobia mas, sobretudo, temos que destruir o sistema capitalista porque é a base de tudo isso.

Pergunta: Falando sobre isso, como você encara o debate sobre gênero e sexualidade da forma como está pautado hoje no cenário político brasileiro? Ontem teve a votação do chamado Escola Sem Partido na Câmara Municipal de São Paulo, e a gente sabe que foi uma grande pauta da campanha do Bolsonaro, mas não só do Bolsonaro...

Vera Lúcia: Na verdade essa discussão se tem partido ou se não tem partido não é um debate novo, é um debate antigo, você que é das Ciências Sociais sabe disso. Por exemplo, quando surgem os primeiros sindicatos, quando a classe trabalhadora começa a se organizar, uma das coisas que se questionava era se deveriam organizar um partido ou se não se organizava um partido, se se organizava só sindicato ou se não se organizava sindicato. Essa luta e esse debate não é uma coisa nova! Agora a discussão toma uma nova proporção, mas esse debate da estória de não ter partido sempre foi uma coisa que esteve colocada. Desse jeito de agora é uma hipocrisia pura! Porque pode até se votar que não vai se discutir, que não vai ter partido. Mas me diga uma coisa, como é que se elege a câmara de deputados, o congresso nacional? É eleito por onde?



Através do que? Quem governa esse país? São eleitos através do que, se não via partidos políticos? Quem é que comanda esse país, se não é o poder executivo, principalmente, assentado num parlamento de corruptos e de todos os partidos que estão por aí? Como é que eles dizem que por trás disso não existe uma ideologia? Só o fato deles dizerem que não tem ideologia, já é uma ideologia!

Só o fato deles dizerem que não tem partido é porque vai ter um partido ou dois partidos, entendeu? Na verdade, o que se quer aqui é sufocar o direito de você expressar o seu pensamento, e isso significa dizer que você vai ser censurado. Mas o fato de proibir também não significa que vai existir. Vai dizer apenas que vai ser mais difícil, mas as pessoas vão continuar fazendo. Porque o fato de proibir as coisas não significa dizer que não vou ter partido. Vou ter partido, entende? Quer dizer, Bolsonaro pode ter o partido, aí o ministro que ele nomeia que vai comandar a secretaria de educação certamente votou no partido dele ou é de um outro partido da base aliada à dele, ele tem uma ideologia política, não tem? Tem. Só que para eles “ideologia de pobre” é ter que trabalhar para satisfazer as necessidades dos ricos. Bolsonaro diz, inclusive, que se condói bastante com os empresários desse país. Isso é uma ideologia! E tem os partidos que sustentam isso, o PSL dele, o DEM, o PSDB, o MDB – que agora até mudou de nome! Tem os partidos que estão mudando de nome para se manterem aí. Quando ficam desgastados vão mudando o nome. Mas a ideologia é a mesma! Então é pura hipocrisia dizer que nas escolas não vão ter partido, vai ter partido e o partido que vai estar lá posto e vai aparecer nos livros e escritos é o partido da classe dominante, como sempre foi. Lembremos que o ensino oficial é o ensino que atende aos interesses da classe dominante. Se não fosse assim, as universidades não seriam o celeiro de produção ideológica para atender os interesses da classe dominante. A gente não forja revolucionários nas universidades nem nas escolas, nós forjamos os revolucionários na luta de classes. Na sua necessidade, porque ele precisa lutar contra a exploração. Agora, a ideologia da classe dominante tem partido, mais de um. Aqui no Brasil, tem mais de 30 (partidos) [risos]. Então é pura hipocrisia!

Pergunta: E, especificamente, sobre a tal da “ideologia de gênero”, que eles falam tanto que Bolsonaro presidente vai acabar. O que você acha?



Vera Lúcia: Na verdade, o que ele quer sobrepor é uma outra ideologia, que é a ideologia do machismo, do racismo, da homofobia. Ele é extremamente homofóbico, ele é racista, ele discrimina pobre, ele faz um discurso da moralidade. Agora me diga uma coisa, é tarefa do Estado decidir com quem você vai dormir? A quem você ama? A quem você quer? É isso o que o Estado tem que fazer? É sobre isso que Bolsonaro tem que se debruçar? Sobre com quem a gente tem que deitar? Com quem a gente tem que se relacionar? Com quem a gente precisa desenvolver as nossas afetividades? É essa a preocupação? É essa a tarefa desse presidente quando existe tanta gente passando fome? Tem tanta gente morrendo por falta de assistência. É essa a tarefa que ele quer cumprir? É esse o problema que aflige os corações de pais e mães, e da juventude desse país? Isso aflige a ele porque ele é uma figura, nesse aspecto, assim, nojenta. Bolsonaro é nojento nessa tarefa. Mas isso só expressa o quanto ele é homofóbico, o quanto ele ensinou os seus filhos a serem homofóbicos, o quanto ele ensinou os seus filhos a serem xenofóbicos e ele também, o quanto ele é serviçal da burguesia, o quanto ele é capacho da classe dominante, o quanto ele é baixo... Bolsonaro é baixo e é covarde. Porque se ele diz que é para todo mundo se armar nesse país, ele deveria assegurar que todo pobre pudesse ter uma arma da mesma potência que tem um fazendeiro, porque aí nós estaríamos numa luta entre iguais.

Nós defendemos o armamento, nós votamos pelo armamento do povo, nós somos a favor do armamento do povo. Agora todo mundo armado com a mesma condição. Ele que faça arma barata. Não é arma que alguém compra por 15 ou 30 mil reais que um trabalhador que recebe um salário mínimo poderá comprar. Ele teria que trabalhar 3 anos pra comprar só uma arma. Não, ele que distribua as armas na mão do povo para ele ver quem é nesse debate que corre o risco. O que ele quer armar é a classe dele para subjugar a nossa. O que ele quer é calar os nossos desejos. Eles querem calar as nossas necessidades para que nós continuemos produzindo toda a riqueza para garantirmos os interesses dele e daqueles a quem ele serve, que são os grandes fazendeiros desse país, que é o agronegócio, que é Trump, que é a grande figura que ele tem como exemplo. Uma pessoa que tem Trump como referencial político já diz a que veio. Então, o grande chefe dele, o guru da economia dele, Paulo Guedes, é um serviçal, é um capacho, um covarde, racista, homofóbico...



Bolsonaro fez todo esse discurso conservador da moral, questionou a corrupção, mas agora a sua família está mergulhada em corrupção. Quero que ele explique como é que o motorista tem R\$ 1.200.000,00. Ele disse “*se eu errei vou pagar*”. Ora, quando se rouba vai para a cadeia, então tem que começar botando o filho dele, ele, a mulher dele, o motorista do filho dele, todo mundo que está no esquema na cadeira. Porque ele não ficou milionário trabalhando, nem foi servindo ao exército. Então o que ele traz é um discurso de ódio, para em cima disso justificar aquilo que ele quer de fato impor, que são os interesses econômicos do capital internacional. Ele é muito hipócrita, principalmente com a questão da religião. Nós defendemos que todas as pessoas tenham o direito a sua fé, inclusive nós defendemos o direito de não ter fé. Do mesmo jeito que defendemos que as pessoas podem amar de qualquer jeito. Tem uma música que diz que *toda a forma de amor vale a pena, toda a forma de amor vale a pena*, entende? Isso não é tarefa do Estado, isso não deve ser a preocupação de um chefe de estado, isso não é aquilo que norteia e nem preocupa aqueles que precisam sobreviver nesse país. Então isso é pura hipocrisia, é só pra dominar a gente, para dividir a nossa classe enquanto eles mandam e desmandam de acordo com os interesses econômicos deles e ainda chafurdam na corrupção.

Pergunta: Estamos no final de dezembro de 2018, hoje é 21. Queria saber como você vê o futuro daqui para frente e, especialmente, após a posse de Jair Bolsonaro que vai ser agora em janeiro?

Vera Lúcia: Olhe, pra quem é pobre muda pouco. A vida de violência é uma vida que a gente já vive. A nossa juventude, que é negra e pobre na periferia, e as pessoas que são mais pobres e vivem nas periferias, elas não sabem o que é sossego, elas não sabem o que é ter tranquilidade. Essa vida de violência a gente já vive. O que pode acontecer é a violência ser potencializada e o mais provável é que se potencialize, porque a crise econômica não se fechou.

Existe no meio disso uma crise econômica muito profunda e a tarefa de Bolsonaro, inclusive a forma como ele diz que vai resolver, é calando todo mundo. Inclusive calando todo tipo de ativismo. Isso é para assegurar que a crise capitalista, que hoje galopa sobre o Brasil, se feche. E quando ele quer calar a classe trabalhadora o que ele quer, na verdade,



é conter a crise política que esse país está mergulhado. E isso não vai resolver, pois isso não depende dele, entende? Então aqui a tarefa que está posta para a nossa classe, como perspectiva frente a um cenário como esse, é que nós precisamos mais do que nunca nos organizarmos.

Os LGBTs mais do que nunca têm que se organizar. Não tem que vir mais para Avenida Paulista fazer festa. Tem que se organizar para defender a sua vida, se organizar de forma coletiva. Os negros desse país têm que se organizar. Os pobres desse país precisam se organizar. As mulheres desse país precisam se organizar. Precisamos dizer para os homens de nossa classe: *“lutem contra o seu machismo, porque nós vamos denunciar”*. Nós precisamos da nossa classe unida, homens e mulheres, e para isso os homens precisam lutar contra o seu machismo. E para lutar contra esse machismo, as mulheres precisam lutar contra o machismo dos homens de nossa classe, que é nefasto para a nossa classe, só divide a nós mesmos. Nós precisamos lutar contra o racismo porque ele divide a nossa classe e nós precisamos da unidade da nossa classe. A nossa classe precisa lutar contra a xenofobia, porque a nossa luta é internacional. Nós temos que ser solidários com cada um que chega de cada canto dos outros países em busca de abrigo aqui. E temos que, juntos, nos organizar contra esse governo e o governo de seus países. Nós precisamos organizar os LGBTs e a juventude desse país para que tenham direito ao futuro. A juventude do nosso país precisa se organizar para ter direito ao futuro. Não podemos aceitar que para a nossa juventude, que é pobre, que é negra, só existam as cadeias e o tráfico.

Nós precisamos fazer isso de forma coletiva. Só há uma saída para nós: nos organizarmos! Lutarmos e construirmos uma sociedade que seja nossa, uma democracia que seja nossa... Tomarmos dos ricos a riqueza que eles nos roubaram, pegar de volta o que é nosso e garantir uma vida de sossego para nós. O sossego que eles têm é roubado da nossa paz. A paz que eles nos roubam é a paz que eles têm, porque eles têm a paz. Sabe por que eles têm paz? Porque eles não vivem a vida que a gente vive, essa vida de violência e exploração. Eles nem andam mais de carro, eles têm tudo quanto é segurança ao lado deles. Nós é que não temos nada, a nós nos falta tudo. Então temos que lutar pela nossa vida, principalmente nesse momento de crise econômica que não se fecha. A crise econômica não é apenas do Brasil, é internacional! É uma crise sistêmica. Então nós precisamos mais do que nunca nos organizar. E não só no Brasil. Nós precisamos nos organizar no mundo. Olhemos para o mundo, vejamos a vida dos refugiados, temos que olhar para isso.



Está chegando o natal, alguns vão ter direito a uma ceia de natal, milhões não vão ter direito a absolutamente nada. E vai chegar natal e ano novo e na vida não muda absolutamente nada, a vida continua exatamente como é. É só um dia no calendário que se vira, e um novo governo que bota uma faixa presidencial, e que vai assumir um governo para atacar a nossa classe. Nós precisamos nos defender deles. Para isso precisamos nos organizar na defesa das nossas necessidades. É essa a tarefa que a gente precisa cumprir.

Pergunta: Vera, eu sei que, além de ter se candidatado esse ano à presidente, você já se candidatou outras vezes, certo? Já se candidatou à deputada federal pelo estado de Sergipe, à prefeitura de Aracaju e à governadora de Sergipe. Como você vê o cenário político do Brasil e do estado de Sergipe?

Vera Lúcia: Sergipe é como qualquer estado brasileiro, muito rico com um povo muito pobre. Sergipe é rico em potássio, calcário, petróleo, tem um solo fértil... Mas isso não se traduz em riqueza para o seu povo. Essa riqueza é toda concentrada na mão de poucas famílias. Sergipe é como Alagoas, Pernambuco, Bahia... Aqui em São Paulo é assim! Em qualquer canto desse país encontramos as mesmas características. O produto da riqueza de Sergipe é resultado desse povo, do trabalho desse povo pobre. Sergipe tem um monte de gente desempregada, tem um alto índice de violência, e não falo aqui de homicídios e nem de tentativas de homicídios, mas a violência da fome, a violência de não ter uma casa para morar, a violência de não ter um emprego, a violência de ter que viver escondido, de ter que andar com medo, entende? Essa violência é uma constante na vida da gente. E o que eu sinto lá em Sergipe é a mesma coisa que sinto aqui em São Paulo. É a vida que a gente vê em qualquer canto desse país. Adoro Sergipe! Amo Aracaju! Mas gostaria mesmo de ter crescido no meu lugar, de não ter sido arrancada. Gostaria de ter saído de Pernambuco por vontade própria e não ter sido arrancada porque não tinha condições de viver na minha terra. Acredito que todas as pessoas gostariam de viver no seu lugar, sem ser arrancadas e, quando fossem para algum outro lugar, o fizessem para conhecer e se quisessem voltar, que voltassem! Se não quisessem, que não voltassem! Mas não é assim. Para ser assim nós precisamos construir uma outra sociedade. Essa sociedade não permite isso da gente da nossa classe.



Pergunta: Lembrei da pergunta que eu queria ter feito quando você falava de machismo na política. Lembrei que até as últimas eleições presidenciais foi o Zé Maria que saiu como candidato do PSTU. Essa é a primeira vez que foi uma mulher. Como foi essa decisão no partido?

Vera Lúcia: Foi uma decisão muito boa. Só não sabia que seria eu! Na verdade, o nosso partido queria apresentar um programa para a sociedade... Zé Maria, um peão de fábrica, metalúrgico, foi alguém que cumpriu ao longo desses anos a tarefa mais difícil: manter-se durante todas as eleições apresentando o programa do partido. Nunca foi fácil. Assim como não foi fácil para mim. Os companheiros do partido começaram a discutir o seguinte: nós precisamos ter uma candidatura que pudesse apresentar o programa do nosso partido e pudesse apresentá-lo da melhor forma possível e que, obviamente, expressasse essa mesma realidade que nós da classe trabalhadora vivemos. Então sobrou a tarefa para mim e para o Hertz Dias, professor da rede pública do Maranhão. Dois nordestinos, dois negros, e eu encabeçando a chapa. Hertz como vice nunca foi sinônimo de coadjuvante. Nós sempre fizemos um trabalho muito de companheiro. E dentro do partido essa discussão foi muito saudável.

Na verdade, a militância do partido ficou muito feliz e fiquei mais feliz ainda com a confiança que os militantes me colocaram nas mãos, porque é uma tarefa grandiosa e, ao mesmo tempo, fiquei feliz de ver que pude cumprir com a tarefa da melhor maneira que pude. Os companheiros de partido ficaram muito satisfeitos. Gosto de fazer política, gosto de apresentar o programa do PSTU, gosto de apresentar o partido... Eu gosto, necessito lutar. Sei que lutar para mim é uma necessidade e faço disso algo que é parte da minha vida, entende? Muito embora eu seja tímida. Então, por exemplo, se pudesse, faria tudo isso sem ter que me apresentar em canto nenhum, entendeu? Se saísse só a voz ou como a gente está conversando aqui e depois será publicado só o texto. Mas nem sempre isso é possível então vou, mas por uma necessidade. Por outro lado, é uma tarefa. E se o partido diz que preciso cumprir, e a classe trabalhadora precisa e confia em minha tarefa, vou cumprir junto com ela, porque eu não fiz nada sozinha. Os militantes desse partido fizeram uma campanha maravilhosa e fui parte disso.



Pergunta: E existia uma demanda por parte da militância do PSTU de que houvesse uma mulher como candidata?

Vera Lúcia: Há muito tempo se falava nisso, que a candidata seria uma mulher. E a gente tem várias mulheres dentro do partido. Aliás, o PSTU foi um dos partidos que mais lançou mulheres como candidatas nessas eleições e tem sido assim há muitos anos. Foi assim na eleição passada. Esse ano, inclusive, foi o partido que proporcionalmente mais teve mulheres, parece que ficou em 2º lugar no número de mulheres e, no nordeste, dos 9 estados do nordeste, nós lançamos 4 candidatas mulheres à governos de estado. Então nós temos muitas mulheres encabeçando chapas que são figuras ativas. Dentro do partido essa luta contra o machismo e o incentivo ao conhecimento sobre as desigualdades entre homens e mulheres, mas não só o incentivo, a criação de condições para a sua superação tem a ver com a nossa principal tarefa que é compreender o funcionamento da sociedade capitalista. A partir disso conhecemos como somos explorados e potencializamos a nossa luta. A nossa tarefa central é lutar, ensinando para a nossa classe os aspectos da exploração capitalista. E isso as mulheres do nosso partido fazem e é nesse sentido que o partido incorpora a luta contra o machismo.

Qual é a grande dificuldade? Não é fácil ser militante e ser mulher nessa sociedade. Uma sociedade que não vê a política como um lugar legítimo para a mulher, que não propicia isso. Mas as mulheres que estão no nosso partido, nós fazemos de tudo para que tenham as melhores condições de participação política e o melhor desempenho possível. Agora, essa tarefa não é fácil. Não é fácil para os homens e é ainda mais difícil para nós mulheres. Então a decisão por uma mulher candidata à presidência foi difícil. Mas eu gostei!

Pergunta: Você tinha alguma referência feminina na sua vida familiar ou de outras mulheres para a sua atuação política?

Vera Lúcia: Tenho referências de mulheres da minha família que são muito lutadoras, a minha mãe, a minha avó... A minha avó era uma negra para além da sua época. Ela largou o marido em uma época em que as mulheres não se separavam. Era uma mulher muito ativa,



muito respeitada, uma referência de mulher, de lutadora. E como referência tive mulheres que são das lutas sociais mesmo, aquelas com as quais lutei na fábrica.

Pergunta: A indústria têxtil é um setor majoritariamente feminino, não é?

Vera Lúcia: Sim. Em alguns setores da indústria têxtil. No setor têxtil mesmo, que é onde se fabrica o tecido, a predominância é de homens. No setor de confecção, a predominância é de mulheres. No setor de calçados, determinados serviços são feitos mais por mulheres e outros mais por homens. Isso vai variando. As chamadas “tarefas femininas” resultam, por exemplo, em uma remuneração menor. Mas pra você ter uma ideia do quanto as mulheres são valentes, e isso tem a ver com as condições de vida, nós somos mais exploradas porque nós somos oprimidas. Então quando as mulheres tendem a lutar, elas também são muito mais decididas em sua luta. Geralmente os homens não gostam muito de negociar com as mulheres. Dizem que elas são “ruins de jogo”. Como é que eles chamam? Não tem muito jogo de cintura para negociações não. A mulher é muito mais decidida.

Para você ter uma ideia, a primeira greve que nós fizemos lá no estado de Sergipe, fui parte e já era direção. Foram as mulheres da indústria do setor de confecção, que trabalhavam na alpargata à época, que iniciaram a primeira greve de ocupação. E foram elas que saíram em passeata e foram parando todo o setor têxtil. Arrastaram os homens... Foi uma greve de ocupação em que os operários controlaram a fábrica por mais de 40 dias. E tiveram todas as reivindicações atendidas. As mulheres que estavam na vanguarda. E quando olha-se para a história, todo mundo fala da Comuna de Paris, mas não lembra que quem iniciou aquela revolução foram as mulheres, as mulheres peixeiras. Quando fala-se da Revolução Russa, ela começa, principalmente, com as mulheres, e começa com as revoltas, por exemplo, na fila do pão. E quando essa luta se intensifica, por exemplo, com as manifestações que ocorreram agora no ano de 2017 (um ano de muitas lutas), vê-se que foram as mulheres que começaram a protagonizar isso.

Quem foi que primeiro se levantou contra Trump? Foram as mulheres, entendeu? As mulheres aqui na Argentina, quando uma moça foi assassinada, levantaram a bandeira “*nenhuma a menos*”, e o mundo



inteiro se levantou também. Aqui no Brasil quando ocorreu o levante contra a cultura do estupro e teve um dos maiores 8 de Março já vistos na história que, logo depois desaguou em uma greve geral aqui no Brasil, que também foi uma das maiores da nossa história. Então as mulheres tendem a ir para a luta e quando vão, mesmo demorando um pouco mais por conta da opressão machista, produzem grandes mobilizações. E é assim dentre os oprimidos. Quando eles vão para a luta, eles vão com a mesma intensidade... Essa intensidade vem do fato de que são oprimidos e explorados. No momento em que o oprimido explode, ele leva essa intensidade pra luta.

Pergunta: Estamos já no finalzinho dessa entrevista. Agora tem uma rapidinha, que é uma coisa padrão com todas as outras mulheres que estão sendo entrevistadas para esse número da revista. A rapidinha é: um livro, uma música, uma frase e um sonho.

Vera Lúcia: Olhe, gosto muito de estudar o Estado. Por isso gosto muito do livro “O Estado e a Revolução” de Lênin. Acho que é um bom livro, sabe por quê? Porque ele sintetiza bem tanto Marx como Engels. E adoro ler Marx. Na verdade, gosto de muitos autores, mas gosto de ler Marx e esse livro o sintetiza bem. Mas gosto de muitos livros, não tenho um livro de cabeceira! Já uma música... Ah, eu adoro música! Adoro cantar. E faço tudo cantando, dirijo cantando! Assim como adoro cantar, adoro dançar... Tem tanta música que gosto. Eu gosto muito de Disparada do Jair Rodrigues. A frase, vou citar a do Marx, “*trabalhadores do mundo, uni-vos!*” [risos]. Por fim, o meu sonho, *a revolução socialista*. Mas a revolução não é um sonho, é uma necessidade.

Pergunta: Qual o seu sonho, então?

Vera Lúcia: Eu gosto do Lênin, mas também gosto do Trótski que disse o seguinte, “*as revoluções são impossíveis até que se tornem inevitáveis*”. Acho que essa é uma frase que resume bem o meu sonho.

Pergunta: Gostaria de acrescentar alguma outra coisa, Vera?

Vera Lúcia: Obrigada pela oportunidade de fazer uma entrevista para vocês e de falar do programa do nosso partido.